

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Folha da Tarde Class.: 602

Data 09/10/89 Pg.: _____

Propaganda
& MARKETING

Índio não quer apito

Filme da Y & R mostra que os intrusos são os brancos

O governo só escuta o índio quando ele grita dentro do seu ouvido. Essa é a triste visão que os 300 mil indígenas brasileiros têm das autoridades deste País, onde o estrangeiro é o branco. À base da força, implantou seus métodos e estilo de vida, além de uma língua estranha, o português, que afinal conseguiu suplantear 130 idiomas nativos.

Pior do que isso, esse intruso de alguma forma é responsável por um gradual genocídio que através dos tempos vem dizimando os originais e verdadeiros brasileiros.

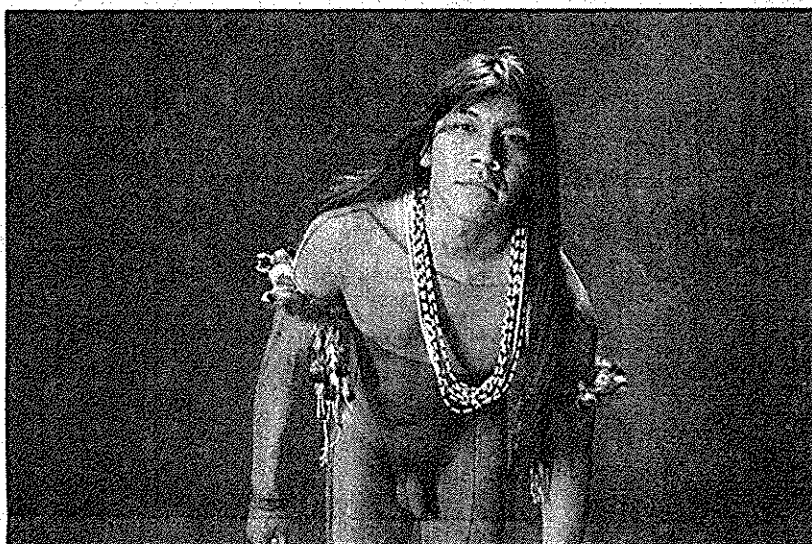
Para lembrar um pouco esse quadro, que é verdadeiro mas choca aqueles que não têm ou não querem ter consciência do problema, a Young & Rubicam Brasil, completando o trabalho iniciado pela Impact, criou um filme institucional de um minuto que as emissoras prometem colocar no ar desde já.

"Os índios não querem que lhes dêem penduricalhos, bugigangas, espelinhos. Eles não estão pedindo nada. Eles só querem ter o direito de viver como sempre o fizeram, sem intromissão. Na verdade, eles só pedem uma coisa: respeito pela sua dignidade", diz Christina Carvalho Pinto, presidente da agência.

O respeito pela dignidade, aliás, é a frase mais marcante do filme, estrelado pelo índio Mac Suara Kadiwé, um dos três integrantes da União das Nações Indígenas que brifaram a agência. Além dele, participaram do projeto o coordenador da UNI, Ailton Krenak, e Marcos Terena.

Índio cliente

É a primeira vez que o próprio índio se defende. A UNI é cliente da Young & Rubicam. Ela passou o briefing, discutiu o comercial, vetou a primeira versão e afinal aprovou o resultado.



"Nós enaltecemos vários trabalhos que visam nos defender. Agradecemos, mas preferimos falar por nós mesmos. Geralmente o que acontece é mostrar o índio sob a ótica do branco, e isso acaba soando falso", explica Ailton Krenak.

Segundo ele, é preciso que os profissionais da Comunicação procu-

ram entender um pouco mais a cultura e os problemas indígenas para poderem interferir no processo. Ele se diz impressionado com o filme "Moto-serra", criado recentemente pela DPZ, mas faz ressalvas.

"Nós somos da floresta, parte integrante dela, mas não somos

tucanos ou araras, onças, capivaras, cerejeiras ou jacarandás. Somos seres humanos, e não recursos naturais da Amazônia. Assim, o filme acabou por nos confundir como um simples elemento da região. Outra coisa, a cena da máquina de cortar cabelo na cabeça do pequeno índio acabou parecendo uma violência contra a pessoa dele. Crianças, por exemplo, não entenderam o comercial", disse.

Surfista da selva

Com criação de Christina Carvalho Pinto, Nelson Porto e Camilo Magalhães, o comercial teve ainda a participação espontânea da Jodaf, e foi dirigido por João Daniel Thikmloff.

À frente de um cenário rústico, uma lona pintada de cor neutra, o índio Mac Suara aparece vestido de surfista, ou seja, uma grande contradição que geralmente é promovida por aqueles que sob a sombra da integração das raças acabam por contribuir para o processo de eliminação da cultura indígena.

Após se despir dos tênis, relógio, boné, camiseta e bermuda colorida, ao som de um batuque indígena em ritmo lento, Mac Suara pergunta se o telespectador não acha que falta alguma coisa nele. "Falta sim, o respeito pela minha dignidade", ele mesmo responde.

"Precisamos dos rios, das florestas e das montanhas para viver. É isso que o governo não entende. Não adianta preservar o índio e destruir a natureza, que é o nosso habitat. Ainda se desse um apartamento para cada família indígena isso não resolveria o problema. Nossa vida é em contato direto com a natureza. É preciso respeitá-la para respeitar o índio, concluiu Krenak.

